

Se Eu Crescer¹

Rita Marisa Ribes Pereira²

Aristeo Leite Filho³

DOI <https://doi.org/10.46681/Temas/a2020n5a5>

Resumo

Este texto problematiza os lugares sociais ocupados pelas crianças na sociedade, na família, na escola e no cinema a partir da história de um menino de dez anos, José Davyson, personagem do documentário de curta metragem “Quando eu crescer”, dirigido pelo brasileiro Emanuel Dias. O filme e o texto colocam em tela aspectos profundos da vida das crianças e das suas famílias que, muitas vezes, são secundarizados, ou mesmo, desconsiderados.

Palavras-chave: Infância, cinema, formação de professores

Abstract

This text discusses the social places occupied by children in the society, family, school and cinema from the story of José Davyson ten-year-old boy, character in the short documentary film “When I grow up”, directed by Emanuel Dias a brazilian movie director. The film and the text highlights profound aspects of children’ lives and their families which are often overlooked or even disregarded

Keywords: Childhood, movies, teacher training

–Quanta é a verdade que um espírito suporta,
quanta é a verdade a que ele se aventura?–

Eis o que sempre foi para mim o genuíno critério dos valores.

O erro (– a fé no ideal –) não é cegueira, o erro é cobardia...

Toda a realização, todo o passo em frente no conhecimento resulta da coragem,
da dureza contra si mesmo, da integridade para consigo...

(Friedrich Nietzsche)

1 Filme disponível em <https://vimeo.com/83396717> .

2 Licenciada em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas. Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professora Titular da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Procientista UERJ/Faperj. Pesquisadora do CNPq.

3 Pedagogo pela Universidade Santa Úrsula. Mestre e Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professor Adjunto da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor Adjunto da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e do Curso de Especialização em Educação Infantil da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Diretor da Escola Oga Mitá.

E o mais difícil se torna tudo, né?
Mas a gente não tem que enfrentar o difícil e o fácil?
(José Ramos)

Indagar sobre *quanta é a verdade que suportamos* parece ser o propósito principal do filme de Emmanuel Dias, intitulado “Quando eu crescer”. Tarefa nada fácil. *Mas a gente tem que enfrentar o difícil e o fácil...* Não por acaso este texto precisou de tempo para dar à luz seus primeiros rabiscos. Assim como os soldados que voltam emudecidos da guerra porque a experiência vivida não encontra nas palavras existentes uma que possa comunicar tal experiência (Benjamin, 1987), ficamos emudecidos diante da experiência que o filme nos apresentou. (E desde já desaconselhamos continuar lendo este texto sem ter vivido a radicalidade de assisti-lo. O link de acesso ao filme está disponível na primeira nota de rodapé).

Esse “ficar emudecido” parece importante de ser aqui destacado porque é revelador de uma experiência estética que é própria da arte – e do cinema – nos proporcionar. Não saímos do cinema (ou desse filme) do mesmo modo que entramos, porque somos convocados a perceber a vida com outras sensações que não aquelas que já se tornaram corriqueiras em nosso cotidiano. Afinal, inúmeras vezes já ouvimos histórias semelhantes à deste filme nos mais variados noticiários e é possível que não tenhamos sequer perdido a fome...

Leandro Konder, em suas aulas de filosofia, sempre gostava de lembrar que uma experiência estética – a estesia – precisa ser pensada como sendo o contrário da “anestesia” (OSWALD, 2011). E é curioso que sempre que lançamos mão desse recurso, a imagem do que seja estar “anestesiado” possa parecer mais compreensível do que aquilo que chamamos de uma experiência estética, no sentido de deixar aflorar as muitas possibilidades de percepção do mundo e de nós mesmos. Assim, “ficar emudecido” não significa não ter o que dizer, pois somos atravessados por uma avalanche de sentimentos e pensamentos ávidos por serem ditos. Mas não há palavra pronta que possa contê-los, não há uma forma que lhes seja imediata. E é justamente essa ausência de uma forma já pronta – e a necessidade vital de buscá-la – que caracteriza a experiência estética.

Essa sensibilidade é matéria fundante para a docência. Como a temática da alteridade perpassa a formação? Quem é a criança para o educador? Quem é o educador, frente a tantas demandas, das quais só se pode sair mudo, tamanha a incomunicabilidade do que é vivido ou testemunhado? Este texto encaminha seu argumento tendo por premissa a importância da dimensão estética na formação de professores, dimensão essa, muitas vezes, secundarizada ou esquecida, em contextos e currículos marcados pela hegemonia das ciências explicativas, tantas vezes, “anestésicas”.

Trazemos aqui uma problemática da infância, do seu (não) lugar social, debate imprescindível aos educadores que atuam com crianças. “Quando eu crescer” é um

filme cujo título, por si só, denuncia um olhar adultocêntrico que afirma cotidianamente a impossibilidade de perceber a criança como aquela que já “é”, que “está sendo”. O que a criança se tornará “quando crescer” é o mote de uma educação colonizadora. Que infâncias se produzem nesse contexto? O que as crianças concretas, com suas histórias diversas, têm a dizer aos pedagogos? Em que medida se torna possível uma pedagogia sensível à essas crianças e suas histórias? Enfrentemos essas questões, fazendo um desvio através do cinema, elemento constituidor de um olhar sensível.

O filme conta a história de José Devyson, um menino de 10 anos, que, segundo seu pai, José Ramos, *“leva uma vida normal como qualquer outro menino”* e que, quando crescer, deseja ser vendedor de sapatos. Que experiência estética extrair dessa história – que poderia ser a história de qualquer menino dentre os tantos aos quais já indagamos sobre o que desejam ser quando crescerem? Pois é a sutileza que separa o fato de José Devyson poder ser “todo e qualquer menino” desses que já povoam nosso imaginário ou que passam imperceptíveis aos nossos olhos, e, ao mesmo tempo não poder ser nenhum desses meninos imaginados ou vistos, e ser só ele mesmo, singular e único, que a história deste filme nos convoca a “desanestésias”.

A descrição do pai, de que José Devyson é um menino normal como qualquer outro tem ao mesmo tempo uma proximidade e uma distância infinita em relação a todos os esforços científicos ávidos por dizer “o que é um menino”. Que experiências de infância evocamos quando ouvimos do pai de Devyson pronunciar essa frase? Que experiências de infância encontramos na diversa literatura científica dedicada a tratar de concepções de infância e do que seja “ser criança”? De que certezas e expectativas tais concepções se sustentam?

José Devyson acompanha os pais em seu trabalho no lixão, como catadores. Inicialmente ficava em casa, sozinho, durante o tempo em que os pais trabalhavam. Mas *“não tem como deixar ele só, aqui, que o Conselho pega”*, diz a sua mãe. Preocupação que é explicada detalhadamente pelo pai do menino:

Porque a gente deixava eles em casa. A gente sempre deixava eles em casa, mas uma mulher aí... o Conselho Tutelar veio e levou os meninos dela porque disse que estava abandonando os meninos, tava deixando abandonados em casa. Eu falei: a partir de hoje a gente não deixa mais ele só, em casa. A gente leva ele pra uma barraca lá e bota ele debaixo que é para ele não levar sereno nem chuva. (...) Esse lugarzinho aí é uma barraquinha que eu fiz pra botar eles debaixo, de noite, quando tá chovendo. Aí disseram: e se o Conselho Tutelar te prender? Aí eu disse que, pronto, se o Conselho Tutelar chegar, a única coisa que eu tenho a dizer é isso: se eu trabalho aqui e eu não posso deixar eles só, e eu não posso pagar uma empregada pra tomar conta deles, eles têm que estar mais eu. Não é isso?

É uma pergunta que o pai de Deyvison faz. E, ao fazer, nos deixa implicados com a sua história.

Seguimos um tanto emudecidos – atravessados por essa experiência que é estética, mas que também é ética e nos convoca a um posicionamento. Como nos colocamos frente a ela? Como a respondemos? Como nos posicionamos no contexto do debate sobre o filme e como nos posicionamos, na vida cotidiana, na escola, nas políticas públicas, em relação aos tantos meninos, meninas e suas famílias que enfrentam esses mesmos desafios e repetem (muitas vezes emudecidos) a mesma pergunta do pai de Deyvison? Em que medida é possível ver na atitude da família um abandono? Em que medida é possível ver um cuidado com a criança? Em que medida respondemos à indagação do pai de Deyvison considerado a criança como ela é, em seu cotidiano e em sua cultura? Em que medida nossas respostas sempre tão prontas são produzidas para perguntas que não foram efetivamente feitas e, as que, de fato são feitas, seguem carentes de respostas?

Entre o prescrito e a realidade

De acordo com a legislação brasileira, Crianças e adolescentes têm direito à prioridade absoluta, isto é, primazia na proteção e socorro em quaisquer circunstâncias, precedência de atendimento nos serviços públicos ou de relevância pública, preferência na formulação e na execução das políticas sociais públicas e na destinação de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção à infância e à juventude. (Constituição Federal de 1988 e ECA – Estatuto da Criança e Adolescente 1990).

“É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda e qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão” (Constituição Federal, artigo 227).

As alterações no ordenamento legal sobre os direitos das crianças tiveram, sem dúvida alguma, mudanças significativas na sociedade brasileira, fruto do processo de redemocratização iniciado no final dos anos de 1980. Crianças e adolescentes passaram a ter direitos no texto da lei. Pode-se dizer que pela primeira vez na história do Brasil passaram a ser consideradas como cidadãs. A elas são assegurados o direito à vida, saúde, lazer, educação, cultura, convivência familiar e comunitária, liberdade, respeito, dignidade, proteção no trabalho, proteção contra negligência, exploração, violência, crueldade, opressão. Apesar de o ordenamento legal ter avançado, no sentido de conceitos e estabelecimento de direitos para as crianças a situação da infância

brasileira ainda não é nada boa, ou mesmo razoável. Muito ainda tem-se por fazer. Educadores, pesquisadores, governantes e em especial professores precisam, vigi-lantemente, lutar para assegurar as conquistas já alcançadas “no papel”, mas que não se concretizaram na realidade (LEITE FILHO, 2001).

Qual era mesmo a pergunta do pai de José Deyvison? “Se o Conselho Tutelar chegar, a única coisa que eu tenho a dizer é isso: se eu trabalho aqui e eu não posso deixar eles só, e eu não posso pagar uma empregada pra tomar conta deles, eles têm que estar mais eu. Não é isso?”. “Quando eu crescer”, como documentário, com sua *linguagem* de cinema, nos põe a pensar e repensar essa relação entre a legislação que compõe as políticas públicas para a infância e as diferentes realidades. O que entra em xeque são prescrições legais e suas conexões com as crianças reais, históricas, socialmente e culturalmente definidas como sujeitos.

O que nos tira o chão, o ar e nos coloca como quem pulou do trampolim e ainda não chegou à água é a fala de pais – como tantos outros pais – que trabalham no lixão numa cidade do nordeste do Brasil. *O Conselho pega!* – referindo-se ao Conselho Tutelar. Como uma política pública que deveria assegurar os direitos das crianças chega às famílias naturalizada como uma ameaça? Em relação aos filhos que passaram a ser levados diariamente para o lixão pelo pai e pela mãe, o pai diz: “*eles tem que estar mais eu. Se não o Conselho leva*”. Relatam o caso de uma família onde os filhos ficavam sozinhos durante a jornada de trabalho dos pais e o Conselho Tutelar efetivamente levou as crianças.

Paradoxo! Logo um órgão ao qual cabe atuar junto à sociedade, ao estado, com o intuito de assegurar os direitos de crianças, adolescentes e suas famílias. Sua função é de zelar pelo cumprimento desses direitos (ECA art. 131). “Tutelar” no sentido de exercer a tutoriedade sobre o cidadão de 0 a 18 anos. O sentido dado a essa palavra “Tutelar” na legislação é, portanto, o de cuidar de, e, como tutor, defender, proteger. E não se pode deixar de articulá-la com a ideia de “Conselho”, com o sentido e significado de opinião, parecer, determinação e grupo e/ou reunião de pessoas (conselheiros) que deliberam sobre assuntos públicos ou particulares.

Vale lembrar que na esteira das conquistas sociais no que tange aos direitos da infância, a figura dos Conselhos Tutelares nos municípios podem ser compreendidos como um avanço na direção de tratar a educação das crianças não só no âmbito privado, da família, mas considerando as responsabilidades coletivas e, portanto, públicas dessa educação. No entanto, talvez sob a ameaça de perder os filhos, esse pai, como certamente tantos outros, passam a levá-los para o lixão diariamente. É sob a proteção da família que as crianças vão para o lixão: “eu fiz essa barraca para eles não pegar nem sereno, nem chuva”, diz o pai do menino.

Cuidar e Educar: Família, Escola, Cidade

Mas o que significa “proteção” no contexto de um lixão? E aqui talvez seja pertinente retomar provocativamente a indagação posta na epígrafe deste texto: *quanta é a verdade que suportamos?* O que é o lixão, senão a soma de tudo aquilo que já esteve em nossas mãos e que o descartamos - os nossos despojos, os nossos expurgos.

Italo Calvino (1990) em seu livro “As cidades Invisíveis”, ajuda-nos a lembrar dessa “nossa parte” que tanto tentamos distanciar e esconder. A história de “Leônia” fala de uma cidade que refaz a si mesma todos os dias. Amanhece sempre nova, com músicas novas tocadas em aparelhos novos. As pessoas sempre se banham com sabonetes novos, se vestem com roupas novas, tratam de assuntos sempre novos. Nessa cidade os lixeiros são tratados como anjos, pois recolhem os dejetos de cada dia e os levam para um lugar que é “fora” da cidade. Assim, os cidadãos tão ávidos por novas experiências de consumo podem se sentir libertos de ter que encarar a soma dos seus “ontens” e das suas rejeições. No entanto, nos segreda Calvino: o lixo acumulado transformado numa imensa montanha que a cidade não reconhece como “sua” ameaça desabar a qualquer hora, com a chegada de qualquer novo objeto descartado – objeto que pode ser um desses que acabamos de jogar fora, enquanto lemos este texto, sem nem perceber...

O lixão onde trabalham os pais de Deyvisom em nada difere do lixão da história contada por Calvino. Também é feito de objetos descartados por uma sociedade ávida pelo consumo. E também os pais de Deyvidson podem ser descritos como uma espécie de anjos – sem aura – que zelam por deixar essa montanha bem longe dos nossos olhos, sem cobrar de nós a autoria da sua imensidão. Anjos, que quanto mais fundidos ao próprio lixão, mais nos eximem de pensar que história e que políticas se efetivam às custas da desigualdade social. Ou, para seguir a indagação sobre *quanta é a verdade que suportamos*, anjos que nos dispensam de indagar porque são eles que estão lá, e não nós (ou vice-versa).

O lixão talvez só seja diferente mesmo para aqueles que o habitam, aqueles que como a família de Deyvidson, retiram dele o seu sustento e falam do lugar de quem sente o seu odor. É esse odor que Emmanuel Dias traz para a tela – o odor de uma arte que não quer nos proteger. Ao contrário, quer pôr em xeque todos os nossos discursos bem arrumados sobre o que seja a proteção e sobre o que seja a experiência da infância sob a ótica da “proteção”. Como explicar que, à despeito de todas as condições adversas, os pais de Deyvisom o reconheçam como “criança”, enquanto tantos de nós só conseguimos conceber esse “sujeito criança” em contextos idealizados?

No filme, Deyvisom é uma criança narradora do seu cotidiano. Ele nos conta dos seus achados no lixão, achados que o colocam lado a lado a tantas outras crianças da sociedade do consumo: “A gente acha celular, roupa nova, sapato, sandália, relógio, dinheiro, acha tudo! (...) O que eu mais gosto é comprar sapato, frutas, laranja...”.

Achados que também o ajudam a discernir o abismo que existe entre ele e essas muitas outras crianças... “Eu não gosto de estar num shopping, numa loja, porque tem que ficar olhando as coisas e perguntando quanto é. Perguntar quanto é... as coisas, e comprar...”.

Deyvison fala também dos seus medos: tem medo dos bois que andam soltos pelo lixão. À noite, não gosta de ficar ali, porque os bois correm atrás dele. Abraçado a um cachorro diz que tem medo de pagar doença dos animais. Relata também ter visto no lixão uma briga que resultou em morte. Mas como uma criança que *“leva uma vida normal como qualquer outro menino”*, ele também brinca com os objetos que encontra, aqueles mesmos objetos que um dia descartamos.

O pai chama a sua atenção para que não brinque muito longe, nem na área em que circulam os caminhões, a fim de evitar acidentes. Mas isso não evitou que certo dia o menino ferisse o dedo numa agulha – talvez de resíduo de lixo hospitalar. Um ferimento aparentemente simples, mas que aos poucos foi se agravando e levou a família do menino a procurar atendimento médico. O menino foi atendido. Mas para surpresa dos pais, seu dedo fora amputado. O pai, com tristeza, narra o episódio considerando a decisão injusta – e ficamos nós aqui pensando em que medida a injustiça social em que essa família já se encontra imersa não fora decisiva para o tipo de intervenção médica adotada sem nenhum diálogo com a família.

Sendo esse o seu horizonte, o menino declara gostar do lixão: *“Eu gosto”* [de trabalhar no lixão], disse o José Deyvison. Mas, se pudesse, saía, porque tem vergonha: *“Se eu pudesse sair, eu podia sair. [Por que?] Porque é ruim trabalhar no lixo. Eu tenho vergonha. Porque a pessoa veste uma roupa suja, vai pro lixo, a roupa fica mais suja ainda.(...) Eu queria que fosse diferente. Uma roupa limpa, normal, é... sem ser suja”*.

Esse sentimento de vergonha Deyvison aprendeu na escola, com os colegas

- *Os outros me chamavam de Zé do Grude, batiam em mim, ficavam batendo em mim e eu pegava e dizia pra professora.*

- *Mas, então, você se defendia das agressões que sofria ou não?*

- *Eu defendia, sim.*

- *Mas eram quantos, um ou dois ou vinham um montão para cima de você?*

- *Vinha de um em um.*

- *Vinha de um em um te bater?*

(Faz que sim com a cabeça).

- *Você tem muitos amigos na escola?*

- *Não.*

- Não têm amigos na escola?
- Não.
- Por que você não têm amigos na escola?
- Porque ninguém gosta d'eu.
- Ninguém gosta de você porquê?
- Porque eu trabalho no lixo.

Vergonha que põe a nu todas as nossas vãs pedagogias e até mesmo os anúncios de sabão em pó que todo dia, na televisão, pregam a importância de que a criança possa se sujar nas atividades pedagógicas como uma experiência constitutiva da aprendizagem... Vergonha que não cessa diante da afirmativa da professora, Aurenice, quando diz que

Ele é um aluno excelente. Tem uma boa participação em sala de aula. Se desempenha muito bem nas atividades, principalmente em matemática. Não é um aluno faltoso, ele tem uma boa frequência aqui na escola. Ele está aqui diariamente, na escola, ele é muito comunicativo. Ele é um aluno muito emotivo. Tem uma sensibilidade à flor da pele, mesmo, qualquer coisa ou ele se magoa ou então ele pede desculpas com muita facilidade.

Vergonha que não se dilui mesmo em face dos conselhos do pai: “Nada vale mais do que o respeito. É o que eu dizia a ele direto. Deixa xingar, deixa chamar e fica na sua sempre. Um dia eles vão ver que estão errados e você vai estar lá em cima e eles lá embaixo”.

Por causa da implicância dos colegas de escola, que o chamam de “Zé do Grude”, o menino foi trocado de turno na escola e, segundo a diretora, a situação melhorou. Dorinha, a diretora, conta: “Ano passado, pela manhã, ele ficou com uma turma que era difícil... a gente chamava os pais das crianças que faziam excluí-lo só que não dava muito efeito. Então eu resolvi trocá-lo de turno, colocá-lo no turno oposto e melhorou bastante...”

A escola aparece no filme como uma instituição que se declara impotente para dar conta sozinha da situação que Deyvison vive na escola, quando a diretora recorre aos pais das outras crianças da dita turma difícil. “... ele chorava bastante... nos diz ela”. Somos instados a refletir sobre o discurso tão propalado, desde o final do século passado, de uma “educação para todos”. Seria a escola uma instituição capaz de ser um lugar para todas as crianças? Por que um menino considerado normal pelo seu pai, emotivo e que se desempenha muito bem nas atividades, principalmente em matemática, segundo sua professora, encontra tanta dificuldade para conviver com os

seus colegas, ao ponto de ser ele transferido de turno e de turma? Que dificuldades enfrentam os profissionais da escola pública para lidar com a exclusão e a discriminação? Segundo um provérbio africano “é preciso toda uma aldeia para educar uma criança”. No filme nos é dito que diante das dificuldades a escola chama os pais para conversar mas isto não tem muito efeito. Qual e como e deveria ser a participação dos pais na escola? Como a escola pode dar conta do acolhimento de crianças que vivem em realidades tão distintas?

Deyvison diz que gosta da escola.

- *o que mais gosta na escola?*

- *jogar bola, brincar de baleada [PIC].*

- *Você só gosta disso na escola?*

- *de estudar, de escrever as histórias que a minha professora manda fazer e brincar...*

Novamente são muitas as questões que fervilham em nossas cabeças. Que lugar é esse chamado escola? Será que os profissionais da escola sabem identificar o que as crianças mais gostam dentre aquilo que vivenciam no seu dia a dia escolar? O que faz com que Dayvison, apesar de todas as adversidades de ser um menino que vive no lixão e que precisa enfrentar o preconceito de seus colegas de turma, encontre gosto por determinadas atividades na escola? Seria possível imaginarmos a possibilidade de encontro das histórias que a professora manda o menino escrever e a sua história de vida? Que lugar o brincar, tão caro a Dayvison, dito de maneira tão simples e incisiva, ocupa na escola?

Por um lado, o filme nos mostra que a família de Deyvidson, à despeito de toda a adversidade de suas condições de vida, consegue vê-lo como uma criança. Mais que isso, como uma criança que *“leva uma vida normal como qualquer outro menino”*. E com isso, nos ensina que esse sujeito criança sobre o qual tanto estudamos, não é a criança que almejamos, mas aquela que “é” e que “sendo o que é” nos interpela.

Por outro lado, enquanto tanto nos esforçamos para dizer o que seja “lugar de criança”, o filme nos dá a ver que Deyvison é um menino “sem lugar”. Ele não pode ficar em casa porque pode ser retirado de sua família. Não pode ficar no lixão. Não pode ficar na escola sem se sentir envergonhado. Não pode ter um atendimento médico que lhe pareça justo.

Aqui, o nome do filme, “Quando eu crescer”, precisa ser posto em evidência. “O que você vai ser quando crescer?”. Essa é a pergunta com que toda criança é enquadrada. E, dificilmente, o leitor deste texto poderá afirmar nunca tê-la feito. Tal pergunta revela uma naturalizada concepção de infância que se pauta numa perspectiva de fu-

turo e numa permissividade para relativizar ou mesmo desconsiderar o que a criança efetivamente é enquanto “está sendo” criança.

O que sabemos do cotidiano das crianças? O que sabemos sobre suas aventuras e medos, sobre seus desejos e indagações? É como se imputássemos às crianças a obrigatoriedade do tornar-se adulto (e um adulto produtivo) como condição para o seu direito de ser criança. Desse modo, “quando”, tal como presente no título de “Quando eu crescer” é uma expressão de caráter condicional. O crescer é a condição para o ser criança. Aprisiona as crianças na imagem do adulto em que devem se transformar. Assim se erigiu a concepção moderna de infância: um sujeito a ser moldado e preparado para o futuro.

Ironicamente, na língua portuguesa, a expressão “quando”, que é uma conjunção de caráter temporal, pode ser tratada como uma conjunção condicional sempre que possa ser substituída pela expressão “se” nas orações. O que se altera se mudarmos o nome do filme de “Quando eu crescer” para “Se eu crescer”? Talvez se desfaça em nós a certeza do crescer como uma condição imposta para que as crianças possam “ser”. Vale ponderar que, de jeito nenhum desconsideramos o crescimento da criança como um fator positivo e mesmo como uma forma da criança se ver e perceber suas transformações.

O que estamos colocando em questionamento aqui é que a expressão “quando crescer” vem se naturalizando não apenas como “quando deixar de ser criança”, mas supondo, também, que todas as crianças crescem e se tornam adultas. Se o sentido do “ser criança” se realiza “quando crescer”, qual o sentido da vida dos meninos e meninas que não cumprem com essa condição?

Deyvison diz que quer ser vendedor de sapatos quando crescer. Mas o menino que nunca tinha ido ao cinema, hoje existe no cinema. Terá encontrado, José Deyvison, o “seu” lugar?

Referências Bibliográficas

- Benjamin, W. (1987). *Obras Escolhidas* vol. I. Magia e técnica. Arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- Brasil. Constituição Federal de 1988. Texto Constitucional de 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nº 1/92 a nº 28/2000 e Emendas Constitucionais de Revisão nº 1 a nº 6/94. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas.
- Brasil. Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. *Estatuto da Criança e do Adolescente*.
- Calvino, Í. (2000). *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Días, E. (2011). *Quando eu crescer* [Película].UEPB e Quebrapanela.

- Leite Filho, A. e García, R. L. (2001). *Em Defesa da Educação Infantil*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Oswald, M. L. (2011). "Educação pela carne". In: Passos, Mailsa e Pererra, Rita Ribes (Org.). *Educação, experiência, estética*. Rio de Janeiro: Nau Editora.